

A CRÔNICA de Rubem Braga

11. 11. 59

FOSFORITA E OPERÁRIOS

FIZ, HÁ TEMPOS, uma crônica sobre a Fosforita de Olinda e a luta que seus donos tiveram de sustentar contra interesses estrangeiros para pôr a funcionar essa empresa que veio libertar o Brasil de uma considerável evasão de divisas e, ao mesmo tempo, incrementar o uso do adubo em nossas lavouras. Recebo agora uma carta do presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Comerciais de Minérios e Combustíveis Minerais do Recife, Sr. Elísio S. Falcão. Ele mostra-se de acordo com o que escrevi, e afirma que a indústria realmente nacional precisa de incentivo, mas diz que no campo social a Fosforita tem deixado muito a desejar. Seu sindicato tudo tem feito para conseguir o atendimento de algumas reivindicações dos trabalhadores — reajustamento dos salários em face do alto custo de vida, proteção e paga extraordinária dos encarregados de tarefas insalubres, construção de restaurante e instalações sanitárias etc. —, mas a empresa, mesmo quando intimada por autoridades do Ministério do Trabalho, pouco ou nada tem feito nesse sentido. É claro que não posso julgar do mérito dessas reclamações, nem fazer desta crônica campo de debate de minuciosas questões trabalhistas. Sei que a Fosforita é uma empresa nova, em plena expansão, que, inclusive, está invertendo vultosas somas em trabalhos de pesquisa em vários pontos do Nordeste. Quero, porém, transmitir ao Governador Cid Sampaio o apelo dos trabalhadores. Se não é “dos maiores acionistas” como julga o Sr. Falcão, o Sr. Cid Sampaio tem realmente participação na empresa, pois em terrenos de sua propriedade, contíguos àqueles em que primeiramente foi encontrado o fosfato, situa-se parte das jazidas (Jazidas de grande interesse nacional, não só pela existência de fosforita em local tão favorável, junto a um porto de mar, como pela ocorrência, já verificada, de minérios radioativos). Que os trabalhadores, ainda os mais humildes, sintam-se associados a esse belo empreendimento, e que a necessária capitalização da empresa para enfrentar novas etapas de seu desenvolvimento não seja feita à custa do sacrifício dos operários. O nacionalismo só tem sentido humano e justificativa histórica quando é nacionalismo para todos; quando incorpora em sua defesa não apenas as nações exploradas, mas também as classes desprotegidas. Que interessa um aumento de renda nacional sem a humanização das condições de vida do povo? Para conquistar o trabalhador para a causa nacional é preciso fazer com que ele sinta que esta Nação é também um pouco sua. Aqui fica este apelo cordial aos empreendedores da Fosforita.